

## UM ROMANCE DA "COMUNHÃO HUMANA"

JOÃO DÉCIO

Vergílio Ferreira volta outra vez ao público, desta vez com um romance em que certos problemas surgem analisados com grande penetração, especialmente os aspectos de solidão e da comunhão humana aparecem a afirmar uma atitude bastante humana do autor de **Aparição**. Trata-se agora de **Estrêla Polar**.

Diga-se em primeiro lugar que Vergílio Ferreira é um romancista para "raros", isto é, sua mensagem densa nem sempre é bem compreendida por aquêles que encontram no romance apenas um meio de distração. O romance para êste homem é outra coisa: é vida, é fôrça, é dramaticidade, é penetração vertical e profunda nas almas. No caso da presente obra, eis que realizada em primeira pessoa, o autor tem oportunidade maior de aprofundar a psicologia de narrador em choque com elementos constantes no homem: o amor, a solidão, a comunhão, problemas, afinal, vitais para a criatura humana. A comunhão, particularmente, que a personagem não encontra em parte alguma, veja-se por exemplo, o fato dêle não poder entender-se com as pessoas num sentido total, é posta em têrmos de necessidade inadiável: é preciso que os homens comunguem de um mesmo ideal, que participem integralmente uns com os outros, que estejam em espírito uns com os outros, eis o anseio da personagem, anseio aliás que não se realizado.

O narrador, Aída e Alda constituem as figuras centrais do problema. Amando profundamente Aída, não raro confunde-a com Alda, a tal ponto de o romance nos pôr em choque na tentativa de caracterizar os dois tipos de mulher, ademais semelhantes em suas reações. A realização da vida, contudo, em

que pudesse haver a tão ansiada comunhão, só é possível em relação a Aída, que afinal o narrador vem a perder. Surge, contudo, a grande oportunidade de superar-se a solidão, de chegar-se a uma comunhão em que há naturalmente o halo de eternidade; um filho, cujo nascimento provoca no espírito do protagonista uma verdadeira transformação.

Assim, Vergílio Ferreira vê possibilidade de “comunhão” na cena em o protagonista observa seu filho e sente a existência de algo permanente, de eterno no homem. E’ a redescoberta do homem dentro de si mesmo.

“Acolho-me ao meu pavor e olho apenas, e olho. Frágil novêlo de carne mole, tão só nada, tão sem importância. Uma mão assassina que te abafasse... que és tu? Mas êsse olhar secreto vivo, inquietante! Eis que te sento na palma da minha mão e te ergo à minha face, à face do Universo. Sorris... “Sim, tu verás: oh, isto é bem divertido. Ri-te, homem nôvo, ri!”. Olho-o ainda, olho-o sempre. Na praça deserta a luz vibra como um zumbido de abelhas. Terras, astros gente. Alguém entrou na minha casa, como um intruso, se ergue agora diante de mim. Não veio de parte alguma, surgiu ali bruscamente. Um deus nasceu da minha carne, eu o fiz. Agora enterro-me à fôrça excessiva que irrompe dêle e me queima de fulgor.” (p. 277).

E’ o homem diante do símbolo da sua permanência e que receia que êste símbolo pereça. Êste mesmo homem que entra em êxtase ao encontrar finalmente aquêlo que iria comunhar com êle, ao menos por algum tempo, de uma ânsia universal: a participação. Era o fim da solidão humana.

No entretanto, êste afã de conhecer o filho e através dêle conhecer-se a si mesmo, esta identificação se vê truncada com a morte do filho em cena altamente dramática. Era a volta à solidão. Era o desespero maior ainda a integrar-se no homem, pois foi-lhe dada a possibilidade de comunhão. Melhor fôra no caso que não a tivesse tido.

“No quarto a criança está ainda suspensa, numa posição absurda. Metera a cabeça entre as varas de ferro da cabeceira do leito, tombara de lado, tinha a língua de fora. Fico imó-

vel, extraordinariamente lúcido. Os meus gestos desprendem-se de mim, as minhas mãos vão a frente desprender a criança. Aída chega depois, aos gritos. Parece-me imoral o seu chôro, irrita-me. Friamente tiro a criança com dificuldade. Como pôde ela meter ali a cabeça? Talvez tivesse agora inchado. Um acesso de raiva cresce em mim contra o que? Com uma manobra perita em faço girar todo o corpo do filho, retiro-o enfim, deito-o na cama. Rosto pálido e roxo, um vinco no pescoço tenro. Alago-me com o suor e com um esforço imenso, uma praga na bôca. Sento-me finalmente, olho, jaz imóvel, a tarde morre, a noite incha na cidade. Não falo, se falasse teria medo. Sinto-me desdobrado e a outra pessoa de mim aterrame. Há um muro de gêlo a separá-las, há uma muralha de fogo. Ardem-me os olhos e a bôca. Até que num ataque absurdo, autônomo, brutal, a minha bôca, sôzinha, largou um urro horroroso, e os meus olhos nublaram-se de um chôro quente.” (pp 298-299).

Na destruição da comunhão consubstanciada na perda do filho, o homem se transmuda, e sente-se fora de si. Daí a automatização dos atos, a perda do contrôle, tudo isso tomado num sentido de atomizar as ações humanas, e a projetá-las violentamente para fora. E’ o desespêro total, a abulia humana, a perda irreparável do significado da vida.

Nesta colocação profunda de alguns dramas humanos um aspecto contudo parece obscuro: Aída terá morrido ou não? O fato é que se ela não foi assassinada, pelo menos ela morreu para o narrador, portanto com relação a Alda ou a Aida não há possibilidade de comunhão, visto que parece não ter nenhuma das duas. Isto explica-se pelo fato do narrador oscilar entre as duas, numa indecisão constante. A comunhão no entanto, é tentada de várias formas: o pai com relação ao filho, o marido com relação à espôsa e o homem com relação a seus amigos.

Assim, o narrador tem elementos humanos com os quais pode se realizar no desejo de fugir à solidão e conseguir a comunhão: o que existe é uma impossibilidade, uma resistência de raiz no processo de identificação. Daí a solidão que existe

pelo fato de não estarmos sós, pelo fato de existirem nossos semelhantes:

“De resto — acrescentou ainda — é exatamente porque não há solidão que dizes que há solidão. Imagina que eras o único homem no Universo. Imaginas que nascias de uma árvore, ou antes, do ar, porque eu quero pôr a hipótese de que não há árvores, nem astros, nem nada com que te confrontes. Supõe que o Universo é só o vazio e que tu nascias no meio dêsse vazio, sem nada para te confrontares. Como dizeres “eu estou sòzinho”? Para pensares em “eu” e em “sòzinho” tinhas de pensar em “tu” e em companhia. Só há solidão porque vivemos com os outros...” (pp. 270-271).

Como vemos, dentro mesmo de um processo dialético, Vergílio Ferreira nos põe o problema da solidão e da comunhão. Por outro lado, tais problemas aparecem numa tomada contemplativa da vida, contemplação que conduz a um certo tom irreal de romance. Aliás, a própria contemplação consubstancia um alheamento da realidade circundante, bastante presente em **Estrêla Polar**

“...ah, os teus olhos! Erguem-se-me aqui nesta noite de pedra, de frialdade de gruta — que extraordinária presença a de um olhar, mesmo de longe, mesmo na ausência, essa brusca inquietação de nós próprios à devassa, à placagem de um olhar fito. Quase tão corajoso aguentar-se os olhos em outras horas de muda acusação, como... Mas outras vêzes, nas horas de ternura...” (p. 105).

Comunhão, solidão, angústia, alheamento, com tudo isto **Estrêla Polar** semelha-se mesmo a um ensaio interpretativo da natureza humana, ensaio vivo, penetrante, sutil e antes de tudo amargo e cruel.

Êsses elementos se vêm tão aprofundados que nos levam a sentir nas personagens do romance, desde o narrador, passando por Aída, Alda, até chegarmos a Emílio, Garcia, criaturas fora do tempo, irreais e atingidas duramente por certas realidades, que existem pelo fato das criaturas pensarem nelas: o nascimento, a vida, a morte, o desconhecimento do “eu”, a angústia na busca da comunhão, a fuga à solidão, enfim.

Tudo isto nos possibilita afirmar que Vergílio Ferreira tem preferido trabalhar esteticamente com as regiões insondáveis da criatura humana, não procurando trazer somente as coisas e os atos, mas preocupando-se particularmente com o que está atrás e antes dessas mesmas coisas e dêesses mesmos atos.

Realiza assim um romance de características de todo especiais: o romance-ensaio, numa tentativa de buscar a raiz primeira do procedimento da criatura humana

“Compreendo a tentação da caricatura: a um olhar sem mistério, os homens são a caricatura do homem. Por isso o romance tem ignorado a outra zona. Ah, escrever um romance que se gerasse nesse ar rarefeito de nós próprios, do alarme da nossa própria pessoa, na zona incrível do sobressalto! Atingir não bem o que se é “por dentro”, a “psicologia”, o modo íntimo de se ser, mas a outra parte, a que está antes dessa, a pessoa viva, a pessoa absoluta. Um romance que ainda não há... Porque só há romances de coisas — coisas vistas por fora ou coisas vistas por dentro. Um romance que se fixasse nessa iluminação viva de nós, nessa dimensão ofuscante do halo divino de nós”... (p. 59).

Nessa divagação percebe-se o tipo de romance que o autor de **Mudança** quer realizar: uma obra que vá além das aparências, que explique os atos humanos não por si mesmos mas por algo anterior a êesses mesmos atos; busca assim a gênese das ações e reações das criaturas.

Daí o elemento irreal a se misturar com o real, neste processo de análise fria da criatura humana. O irreal é consequência mesmo do aprofundamento da análise e da posterior síntese.

De tudo isso se infere que Vergílio Ferreira tem consciência do que deve ser uma obra de arte, no caso uma obra de literatura. E' a descoberta do irreal humano através do caminho real. Eis porque a obra ficcionista dêeste romancista ser realizada para “raros”, para os que entendem que romance é especialmente transfiguração da vida. Essa transfiguração consegue-a o romancista, especialmente com relação à figura do narrador, já que as outras personagens, tôdas válidas artística-

mente, funcionam para explicar o drama principal do narrador. Umas com mais importância, caso do filho, de Aída, de Alda, outras menos, caso de Emílio, Garcia, enfim tudo caminha no sentido de busca de comunhão.

Se Vergílio Ferreira realizou com **Aparição** um romance de grande densidade, **Estrêla Polar** o confirma como uma das maiores expressões romancísticas da moderníssima geração literária de Portugal.